

Deus como fonte do Mal: a provação divina como explicação para o sofrimento no catolicismo midiático e seu impacto para a imagem de Deus

Marcos Morais Bejarano ¹

Resumo: O catolicismo midiático é uma face do catolicismo brasileiro que emergiu nas últimas duas décadas, constituído a partir da presença do movimento carismático nos ambientes de mídia. Como expressão de uma religião de resultados, normalmente procura oferecer respostas imediatas para as dores do cotidiano. Quando essas respostas não são possíveis, resta o desafio de explicar o porquê da persistência do Mal na vida do fiel. A partir da análise de quatro livros escritos pelo pe. Marcelo Rossi, um dos maiores expoentes do catolicismo midiático no Brasil, percebemos o recurso à provação enviada por Deus como um dos meios mais recorrentes para atender a essa exigência de explicação. A partir dessa constatação, pretendemos analisar o impacto que tal discurso possa ter para a imagem de Deus a ser apresentada por um material que configura e alimenta a vivência de fé de milhões de brasileiros e brasileiras. Tal assunto ganha relevância em época de pandemia, onde a tentação para explicações mágicas para o sofrimento atinge diversos ambientes cristãos. Constatamos que a necessidade de justificar o sofrimento como fruto da provação divina obscurece a imagem de Deus como amor e misericórdia, além de levar à passividade na luta concreta contra os males presentes.

Palavras-chave: Catolicismo Midiático. Mal. Provação. Imagem de Deus.

INTRODUÇÃO

O problema do Mal continua a ser um dos grandes enigmas da humanidade. Há no coração humano um desejo insaciável de vida, de realização, de felicidade. A realidade, porém, se mostra bem aquém das possibilidades de realização desse desejo. Catástrofes naturais, doenças, e o pior, a maldade humana, capaz de criar sofrimentos atrozes, tornam a realização do anelo do coração humano apenas uma bela miragem. Nem mesmo a modernidade, com a sua sedutora promessa de resolução dos problemas humanos por meio da razão e do progresso, foi capaz de superar este dilema. Ao colaborar para a solução de tantos problemas, como a erradicação de doenças infecciosas, a ampliação da oferta de alimentos, o fornecimento de infraestrutura que trouxe um conforto inédito para a espécie humana, a modernidade criou tantos outros males: a desigualdade social que se aprofunda, a criação de armas com potencial mortífero inédito, o desequilíbrio ambiental. Parece que a sina humana persiste, e a chamada pós-modernidade traz no seu bojo um certo desencanto com as respostas pré-fabricadas para o problema, jogando boa parte da humanidade no vazio e na fuga para o individualismo radical, para o hedonismo e para o consumismo.

Diante disso, as religiões sempre foram portadoras de uma promessa de salvação frente à realidade do Mal. Particularmente o cristianismo é desafiado pela questão, devido à própria

¹ Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente doutorando pela mesma universidade. E-mail: marcosmbejarano@gmail.com.

natureza da crença que sustenta. Para os cristãos, o universo é sustentado pela providência de um Deus Criador único, que é Pai de bondade e que deseja o bem de todas as suas criaturas. Diante dessa questão, é inevitável trazer de novo à tona o dilema formulado pela primeira vez pelo filósofo grego Epicuro, ainda fora e antes do contexto cristão: se Deus é bom e onipotente, de onde vem o Mal? (cf. ESTRADA, 2004, p. 113).

Não é objetivo desse texto fazer frente ao problema em toda a sua amplitude, problema esse que abarca toda a história da filosofia e da teologia. Chama-se de teodiceia esse esforço racional para conciliar a crença na existência de Deus e a realidade do Mal, sobretudo a partir das perguntas levantadas pela racionalidade moderna. O nosso objetivo, porém, é bem mais modesto. Partiremos das tentativas de resposta dadas ao problema por uma das faces mais pujantes do catolicismo brasileiro na atualidade: o chamado catolicismo midiático. Consideramos relevante essa investigação porque o catolicismo midiático tem sido fonte de respostas e de sentido para milhões de brasileiros e de brasileiras, influenciando na esperança e na práxis histórica de seus fiéis-consumidores. Sua influência chega a ter um impacto político e cultural sobre a realidade brasileira que não se pode desprezar.

Para empreender a nossa pesquisa, fizemos um recorte do universo que queremos estudar. Partiremos de quatro obras literárias produzidas pelo pe. Marcelo Rossi, ícone do catolicismo midiático brasileiro. Vamos a essas obras tendo as seguintes perguntas em mente: qual é a teodiceia presente na obra do autor? Qual a proposta de salvação por ele formulada? E, por fim, não menos importante: qual é a imagem de Deus apresentada a partir do discurso elaborado?

Antes, porém, sentimos a necessidade de aprofundar o conceito de catolicismo midiático que está na base da nossa pesquisa.

1 O CATOLICISMO MIDIÁTICO

A modernização da cultura brasileira, ocorrida a partir da industrialização e da urbanização do país, produziu no campo religioso nacional um processo de diversificação. Hoje vivemos numa sociedade plural em diversas acepções, inclusive, do ponto de vista das propostas de sentido que se expressam por meio das religiões. Se isso é verdade em relação ao universo religioso em geral, não é diferente quando nos detemos no espaço estrito do catolicismo. Reconhecemos o fato de que o catolicismo brasileiro sempre foi plural, devido à sua origem baseada no encontro de diversas etnias, com uma diversidade sempre tradicionalmente classificada em torno das categorias de catolicismo oficial e popular. Essa classificação, porém, já não é suficiente para expressar a riqueza das vivências dos católicos. Essas vivências se diversificaram ainda mais e os diversos autores se esforçam por classificar esse universo de expressões: assim fala-se do catolicismo romanizado, do catolicismo santorial, do catolicismo das CEBS, do catolicismo carismático e assim por diante (cf. TEIXEIRA, 2009, p. 20-27).

O catolicismo midiático seria, justamente, uma das faces desse emergente pluralismo no campo católico. Trata-se de um desdobramento do movimento carismático que a partir da década de 1990 investiu de maneira pujante na evangelização de massas por meio da mídia (cf. CARRANZA, 2006, p. 74). Apesar de manter vínculos com o seu movimento de origem, à medida que vai se expandindo, o catolicismo midiático adquire feições próprias. Sobretudo ao ocupar espaços na grande mídia comercial, o catolicismo midiático, por um lado, deixa em segundo plano alguns aspectos da identidade carismática. Por outro lado, porém, absorve determinadas características da cultura do espetáculo e do consumo, tais como o culto às celebridades, a mercantilização de produtos e serviços religiosos, o uso do show como paradigma da linguagem utilizada no espaço religioso. Ao serem questionadas a respeito das mutações no discurso que a inserção no universo midiático exige, com frequência, os agentes religiosos inseridos nesse ambiente informam que o seu objetivo é apenas o de usar da mídia para evangelizar (cf. CARRANZA, 2011, p. 245). Por sua vez, os grandes conglomerados de mídia farejaram um nicho de mercado a explorar que rende lucros altíssimos. A pergunta que emerge é a seguinte: quem usa quem? São os católicos inseridos nesses ambientes que usam da mídia para evangelizar ou é a mídia comercial, com sua lógica capitalista, que usa dos evangelizadores, enquadrando-os na sua linguagem e em seus objetivos, ou seja, que se utilizam deles para acessar e explorar o mercado religioso católico, formado (ainda) pela maioria da população brasileira (cf. CARRANZA, 2009, p. 43)?

O fato é que personalidades católicas midiáticas têm alcançado sucesso estrondoso e são capazes de moldar o imaginário religioso com muito mais eficácia do que a catequese que é realizada nas paróquias espalhadas pelo país. Em muitos casos, o católico-médio, pouco praticante e herdeiro de uma religiosidade apenas cultural, ouve e conhece bem mais a pregação dos padres midiáticos do que a do padre da paróquia em cujo território reside.

Por isso, decidimos investigar o conteúdo das pregações emanadas por essa face do catolicismo. E o fizemos, especialmente, em relação a um tema teológico, que é o tema do Mal, e das propostas de salvação apresentadas frente a ele. A nossa escolha pelo tema se dá pelo fato de ser um tema central na preocupação das pessoas. A maior parte dos indivíduos acessam à religião a fim de obter consolo e respostas para as suas dores cotidianas. Além disso, o catolicismo midiático, mais do que grandes elaborações teológicas, o que faz é oferecer respostas para essas dores.

Uma característica dos expoentes do catolicismo midiático é a presença em todas as mídias, numa bem pensada sinergia. Assim, uma celebridade católica pode produzir conteúdo para o rádio, TV, Internet, mercado fonográfico, literário e até para o cinema, de tal maneira que a presença em uma modalidade de mídia reforça também a presença nas outras. Dessa forma, focamos a nossa pesquisa na presença no mercado literário, onde, com alguma frequência, autores católicos se apresentam como campeões de venda. Dentre os vários autores, sem dúvida, o ícone e grande desbravador é o pe. Marcelo Rossi, presente nesse mercado desde o final da década de 1990, mas que conheceu mesmo a sua consagração nesse campo

com o livro *Ágape*, lançado em 2010 e que se tornou um fenômeno estrondoso de vendas em todo o país.

Nessa pesquisa, além do livro citado, analisamos o conteúdo de mais três livros produzidos pelo pe. Marcelo Rossi na anos seguintes a essa publicação, a saber: *Kairós*, *Philia: derrote a depressão, o medo e outros problemas aplicando o Philia no seu dia a dia* e *Metanóia: wi-fe: descubra a senha que vai revolucionar a sua vida*.

2 O MAL NA OBRA DO PE. MARCELO ROSSI

Da análise dos livros citados, torna-se imperioso reconhecer o esforço do autor em apresentar a imagem de um Deus que é Amor, interessado em derrotar o Mal na vida do fiel por meio da salvação a ser por ele oferecida. O próprio título do livro *Ágape* é um exemplo disso. *Ágape* é justamente a palavra grega para designar o amor oblato, desinteressado, que Rossi deseja anunciar como sendo o amor de Deus pela humanidade. Assim, o seu objetivo é levar o seu leitor a fazer a experiência desse amor na realidade cotidiana.

Por isso, ele pode afirmar que “a criação do mundo e do homem é um ato contínuo de amor” (ROSSI, 2010, p. 19) e que a encarnação do Filho de Deus teve por objetivo concretizar esse amor: “é esse o ofício de Deus feito homem, cuidar do Seu rebanho, que é a humanidade inteira. A pessoa toda e todas as pessoas” (ROSSI, 2010, p. 67).

A salvação que o Deus-Amor oferece em Jesus de Nazaré, segundo o enfoque de Rossi, não é tanto a salvação eterna, embora essa não esteja, obviamente, excluída e faça parte da pregação do presbítero midiático. Porém, o foco do discurso do autor é bem mais imediato. Marcelo Rossi está preocupado em oferecer um amor concreto, que cura doenças, liberta de vícios, reconstrói famílias e ajuda a superar o desemprego. Nesse sentido ele se coloca muito confortável dentro da linguagem midiática e da sociedade do consumo que é uma linguagem da instantaneidade, dos resultados, da eficácia.

De qualquer forma, é inegável que essa apresentação da face amorosa de Deus está em linha com a preocupação da teologia contemporânea em recuperar uma imagem de Deus mais de acordo com os dados da Revelação, que se manifesta em Jesus Cristo como salvador do ser humano e seu aliado na luta contra o Mal. Um Deus, enfim, misericordioso, como tanto tem insistido, por exemplo, o papa Francisco em seu pontificado (cf. FRANCISCO, 2015, 1).

Se, por um lado, Marcelo Rossi deseja anunciar um rosto amoroso de Deus usando a linguagem midiática, o que poderia ser um louvável exercício de atualização da linguagem do evangelho para atingir as pessoas fortemente influenciadas pela cultura da modernidade tardia, porém, por outro, falta ao autor uma atualização da sua visão quanto ao funcionamento do mundo conforme o paradigma da modernidade. Faz parte da reflexão teológica hodierna, tanto quanto a recuperação do rosto amoroso de Deus, a consciência de que a realidade criada possui uma autonomia com suas leis próprias, e que a relação de Deus com esse mundo

não se dá pela manipulação e por intervenções pontuais na lógica interna de funcionamento do cosmos, mas sim sustentando-o através do seu amor, de modo transcendental.

Essa imagem de mundo ainda pré-moderna cultivada pelo autor acaba gerando consequências para o seu discurso soteriológico. Se o Deus de Rossi é um Deus que intervém a todo momento para corrigir os defeitos do mundo, como explicar que as pessoas que confiam nesse Deus e fazem a ele suas orações possam demorar a ter suas preces atendidas e permaneçam por longos tempos no sofrimento? O problema é tão nítido que o autor foi forçado a escrever um livro apenas para responder a essa pergunta. Dessa inquietação nasce o livro *Kairós*, outra palavra grega que o autor utiliza e que ele traduz como sendo “o tempo de Deus, o tempo da graça divina” (ROSSI, 2013, p. 63). Assim, a demora para a superação do Mal poderia ser explicada pelo fato de que, em cada sofrimento não sanado, estaria o fato de não ter chegado ainda a hora de Deus agir, pois o tempo de Deus não é o nosso. Só Deus sabe, por um critério pedagógico que nos escapa, a hora em que o sofrimento vai cessar e a alegria retornar: “Deus sabe o momento certo de nos abençoar com Sua graça” (ROSSI, 2013, p. 21).

Porém, como o objetivo do autor é convencer os leitores e leitoras a aderirem a fé católica e apresentar a fé como solução para todos os problemas que esses e essas possam enfrentar, ele não se contenta em apelar para esse mistério cronológico para explicar a não-intervenção divina no tempo e no momento em que o fiel necessita. Assim, Marcelo Rossi introduz o tema da provação, ou seja, da permissão da parte de Deus com objetivos pedagógicos para explicar por qual razão Deus, mesmo tendo poder para acabar com o Mal, e amor para desejar fazê-lo, enfim, não o faz. Assim, ele não tem pudor em afirmar que em alguns momentos, Deus permite o Mal para favorecer o crescimento e o amadurecimento na fé e na vida cristã daquele que o busca com fidelidade: “o Criador repetirá a fiada de sofrimentos sempre que achar necessário mudar algo em nossas vidas para livrar-nos do mal e dos pecados” (ROSSI, 2018, p. 29).

3 O MAL COMO PROVAÇÃO E A IMAGEM DE DEUS

Faz-se necessário reconhecer que o pe. Marcelo Rossi nunca diz que o Mal é enviado por Deus como castigo, um tipo de pregação que ocorreu não raro na história do cristianismo, sobretudo, em tempos de catástrofes e pandemias (cf. PAURA, 2020). Porém, o permite, como vimos, com objetivos pedagógicos. Tal visão, num contexto pré-moderno, onde a religiosidade se move mais pelo afeto do que pela razão, pode passar despercebido mesmo por pessoas que cultivem uma imagem amorosa de Deus. Uma religiosidade pré-crítica é capaz de absorver as incoerências do discurso pela via do coração. Porém, ao passar pelo crivo de pessoas minimamente iniciadas na racionalidade moderna, os argumentos do autor podem enfrentar alguma dificuldade. Não existe um pai amoroso e responsável nesse mundo que, sob qualquer argumento, permitiria aos seus filhos e filhas sofrimentos atrozesses tais como muitas vezes os seres humanos são obrigados a enfrentar, seja por causas naturais, seja pelo pecado presente nas estruturas da sociedade. Assim, Marcelo Rossi nega por um lado aquilo que afirma por outro: a imagem do Deus-Amor por ele defendida fica seriamente prejudicada em nome de

uma necessidade que o autor sente de justificar a Deus pelo Mal persistente em um mundo que ele supõe governado por um constante intervencionismo divino.

Além disso, tal visão alimenta uma certa passividade do crente em relação ao Mal. Se a sua superação depende da ação divina, então a tendência acaba sendo a de não buscar as causas para os males da sociedade na ação humana e a sua superação passa a ser algo a se esperar do céu. De fato, nesse quesito, Marcelo Rossi possui uma postura ambígua: se nos temas ligados à felicidade individual, o autor diz que é preciso que o fiel reze e faça a sua parte, por exemplo, saindo para procurar um trabalho quando pede a Deus a superação do desemprego, já em relação às questões sociais, como por exemplo, a luta contra injustiça, o convite à passividade é bastante amplo: “cabe ao Senhor infligir castigo aos maus. Ele sabe o momento certo de punir as injustiças e os pecados. A você cabe o perdão” (ROSSI, 2015, p. 68). Assim, diante do sofrimento causado por problemas sociais, não sendo possível fazer nada concretamente em favor das pessoas, ele convida a orar por elas e “já estarão fazendo sua parte como cristãos” (ROSSI, 2018, p. 53).

Podemos intuir o quanto essa visão do Mal, entendido como permissão divina, possui implicações graves justamente no contexto em que vivemos de uma terrível pandemia que assolou e assola o mundo inteiro. Apesar de todos os conhecimentos científicos à nossa disposição e do fato de que a Igreja Católica tenha se engajado nas últimas décadas de modo corajoso na busca do diálogo entre fé e ciência e na superação dos mal-entendidos históricos entre essas duas áreas do saber humano, ainda hoje há pessoas ligadas ao cristianismo que adota explicações mítico-mágicas para uma pandemia como a de Covid-19, além de posturas negacionistas frente aos protocolos científicos para a sua superação. Assim, não basta dizer genericamente que Deus é amor: é preciso tirar dessa afirmação todas as consequências, como por exemplo, a de que Deus, justamente por esse motivo, respeita a autonomia da criação e em nenhum momento se alia ao Mal, mas ao contrário, se coloca ao lado do ser humano na luta contra ele: desta forma, Deus está ao nosso lado na luta contra a pandemia, que surge, não como castigo divino, mas como fruto da liberdade, quer do ser humano, quer da própria natureza, pois, ainda que sustentada por Deus, esta segue leis próprias que lhe dão sua consistência (cf. CANTALAMESSA, 2020).

Assim, reiteramos, a providência divina age ao lado do ser humano na luta contra o Mal, iluminando as mentes e orientando-as a dar as melhores respostas frente as dores do mundo, respeitando também a sua liberdade, apesar de “sofrer” com isso, quando o ser humano, pelo pecado, não dá as melhores respostas, como frequentemente tem ocorrido nessa pandemia, pelo negacionismo, a falta de empenho nas medidas sanitárias, e a precariedade no caminho da solidariedade que uma pandemia como essa deveria suscitar em todos os corações, e sobretudo, nos dos governantes. Em relação a isso, a resposta espontânea dada pelo papa Francisco numa entrevista, quando perguntado onde está Deus diante de situações de violência, é bastante ilustrativa:

Não sei onde está Deus. Mas sei onde está o homem nessa situação. O homem fabrica as armas e as vende. Somos nós e nossa humanidade corrompida. Mas, para as pessoas, é fácil fazer esta pergunta:

‘E Deus, por que ele permite isso? Mas somos nós que fazemos tudo isso! (FRANCISCO, 2016, p. 64).

Tal resposta pode muito bem ser adaptada para o atual contexto de crise sanitária. Onde está Deus nela? Demorando a enviar a cura quando poderia fazê-lo numa fração de segundos, poupando assim tanta lágrima, dor e sofrimento? Certamente não. Ele está no fundo da nossa consciência, convidando-nos amorosamente com a sua graça a termos atitudes responsáveis e solidárias, de cuidado com os doentes e com toda a humanidade, além de nos apoiar em todas as iniciativas que tomarmos para fazer cessar essa tormenta (cf. FRANCISCO, 2020, p. 19).

CONCLUSÃO

Pe. Marcelo Rossi, como expoente do catolicismo midiático, tenta fazer uma evangelização de massas, a fim de atrair os afastados da fé, especialmente aqueles que, impactados pela cultura urbana, romperam os laços com o catolicismo popular que lhes dava o suporte de sentido frente aos sofrimentos da vida. Com o objetivo de recompor a conexão das massas com sua religião de origem, o catolicismo midiático moderniza a sua linguagem, utilizando-se dos recursos da comunicação tão apreciados pela pós-modernidade a fim de ressignificar a experiência religiosa dos seus interlocutores. Assim, ao mesmo tempo em que embarca na linguagem lúdica dos meios de comunicação, readapta o discurso para oferecer uma religião de resultados, própria para a cultura do consumo, através da qual a experiência religiosa, mais do que um projeto de sentido de longo prazo ou a promessa de vida eterna, oferece respostas rápidas para o problema do Mal, prometendo soluções como curas, milagres e ações libertadoras por parte de Deus frente aos sofrimentos do cotidiano.

O problema está no fato de que, ao modernizar a linguagem, o autor não o faça também quanto à sua visão da relação entre Deus e o mundo, não assumindo um dado basilar da modernidade que é a autonomia do mundo frente à transcendência, já que aquele funciona baseado em leis próprias, as quais cabe a ciência investigar e descobrir. Diante desse dado, não é possível mais pensar uma ação divina no mundo baseada em intervenções pontuais, a interferir e corrigir constantemente a lógica de funcionamento do mundo. A ação de Deus é transcendental, capacitando as criaturas para se desenvolverem e realizarem plenamente o seu potencial, e no caso do ser humano, sustentando-o na sua liberdade para realizar o bem da melhor maneira possível.

O fato de ignorar esse dado que é patrimônio adquirido pela teologia contemporânea em diálogo com a cultura, cria dificuldades para Marcelo Rossi justificar a persistência do Mal no mundo. Assim, sobra o velho recurso à provação divina, que envia ou permite os sofrimentos por motivos pedagógicos, como forma de provar a fé ou favorecer o amadurecimento da pessoa. Uma coisa é dizer que o sofrimento concreto seja uma possibilidade de crescimento em humanização. Outra bem diferente é dizer que este faz parte do plano de um

Deus que poderia evitar, por exemplo, uma pandemia tão atroz como a que a humanidade vive, e não o faz. Tal visão tem consequências nefastas para a imagem de Deus, tornando o anúncio de Deus como sendo amor algo sem credibilidade. Pior ainda são as versões mais grotescas dessa teodiceia, como frequentemente se pode encontrar nas rasas discussões presentes nas redes sociais, onde se chega a atribuir a pandemia ao castigo divino por eventuais excessos morais ou religiosos que possam ter sido cometidos por determinados grupos ou classes de pessoas. Quem, em sã consciência, poderia imaginar que seja credível um Deus que tenha colocado o mundo de joelhos porque algumas pessoas teriam cometido algum excesso no carnaval do Rio de Janeiro ou em qualquer outro evento localizado numa parte remota do mundo?

Assim, o catolicismo midiático prestaria um bom serviço à evangelização se, além de modernizar a linguagem, modernizasse também a sua imagem de mundo, reconhecendo a autonomia de suas leis e, que, portanto, Deus não age de maneira mágica, mas capacitando, apoiando e sustentando o ser humano na sua luta contra o Mal, além de compadecendo-se e consolando as suas vítimas. Tal atitude não significa uma cessão irrefletida ao espírito do tempo. Ao contrário: significa uma acolhida da modernidade com discernimento, pois, reconhecer a autonomia do ser humano e do mundo é o que há mais de valioso na cultura moderna e de forma alguma é incompatível com a fé cristã e sua cosmovisão. Afinal, os cristãos e cristãs acreditam em um Deus que criou o mundo do nada, com suas leis próprias, e o ser humano como sua imagem e semelhança, dotado, portanto, de liberdade e responsabilidade.

Portanto, não há nada de negativo em acolher a modernidade no que tem de mensagem referente à autonomia do ser humano e do cosmos. Negativo mesmo é acolher alguns aspectos mais problemáticos da modernidade tardia, tais como o individualismo, o consumismo e a crença no mercado como algo inquestionável. Quanto a adotar uma atitude crítica diante desses aspectos mais problemáticos da cultura hodierna, o catolicismo midiático possui ainda um longo caminho a percorrer.

REFERÊNCIAS

CANTALAMESSA, R. Io ho progetti di pace, non di afflizione: nell'omelia del predicatore della Casa pontificia. *L'osservatore romano*, 11 aprile 2020. Disponível em: <<https://www.osservatoreromano.va/it/news/2020-04/io-ho-progetti-di-pace-non-di-afflizione.html>>. Acesso em 22 jun. 2021.

CARRANZA, B. Catolicismo Midiático. In: TEIXEIRA, R.; MENEZES, R. (org.). *As Religiões do Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. páginas 69-87.

_____. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. (org.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

_____. *Catolicismo Midiático*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.

ESTRADA, J. A. *A impossível teodiceia: a crise da fé em Deus e o problema do mal*. São Paulo: Paulinas, 2004.

FRANCISCO, PP. *Misericordiae Vultus*: bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia. Coleção Documentos Pontifícios. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. *O Futuro da fé*: entrevistas com o sociólogo Dominique Wolton. Rio de Janeiro: Petra, 2018.

_____. *Vida após a pandemia*. Brasília: Edições CNBB, 2020.

PAURA, R. Lermeneutica delle epidemie nel pensiero cristiano e l'idea del Dio punitore. *Orbis Idearum*, Cracóvia, v. 8, n. 1, p. 41-67, 2020.

ROSSI, M. *Ágape*. São Paulo: Editora Globo, 2010.

_____. *Kairós*. São Paulo: Principium, 2013.

_____. *Philia*: Derrote a depressão, a ansiedade, o medo e outros problemas aplicando o Philia em todas as áreas de sua vida. São Paulo: Principium, 2015.

_____. *Metanoia*: Wi-Fé: descubra a senha que vai revolucionar a sua vida. São Paulo: Principium, 2018.

TEIXEIRA, F. Faces do Catolicismo brasileiro contemporâneo. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (org). *Catolicismo Plural: Dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009. páginas 17-30.

VASCONCELLOS, P. A Indústria da Salvação. *Valor Econômico*. Disponível em: <<https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2012/12/28/a-industria-da-salvacao.ghtml>>. Acesso em 02 jun. 2021.